



Imagens deste ensaio: Vistas gerais da exposição *Húmus*. Fotos: Bruno Makia.

*“Somos húmus, não Homo”,
Donna Haraway
(Staying with the Trouble: Making
Kin in the Chthulucene)*

Relembrar que somos compostos, interdependentes de outras formas de vida e estamos em constante regeneração e sinergia com a terra representa um modo distinto de ser e viver no mundo. Tornar-se húmus, como propõe a bióloga e filósofa Donna Haraway, é tomar consciência que nossa constituição é feita por relações - com bactérias, fungos, animais e plantas. E que viveremos e, inevitavelmente, morreremos juntos, emaranhados. É essa matéria orgânica, produzida pela transformação físico-química natural de origem animal ou vegetal que permite que os solos se tornem férteis, que deu nome à exposição coletiva que ocupou o Espaço das Artes ECA - USP de 25 de abril a 16 de maio de 2025. A exposição “Humus” fez parte da programação do IV Seminário Internacional Arte e Natureza.

A mostra reuniu obras de 54 artistas nacionais e internacionais que trabalham em diferentes suportes, como pintura, escultura, instalação, vídeo e performance, com o propósito comum de discutir em suas produções as diversas esferas do universo ambiental. Inspirados no fluxo desse processo fertilizador, tais artistas enxergam a arte como possibilidade de transformar ameaças ao mundo natural em processos criativos inovadores e de brotamento de ideais. Como enfatiza o antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência Bruno Latour, as palavras humano e humilde compartilham a mesma raiz etimológica de húmus, o que nos sugere uma ligação intrínseca entre a humanidade e o solo fértil. Dessa forma, sua proposta é que tomemos consciência que a Terra é esse sistema complexo e interdependente, onde humanos e não humanos coexistem e coevoluem.

ENSAIO

“HÚMUS”: UM MOVIMENTO INTERNACIONAL SOBRE ARTE E NATUREZA

ANA CAROLINA RALSTON

HUGO FORTES

SANDRA REY

ESPECIAL PARA A REVISTA ARTE&CRÍTICA

Reconhecer-se como parte pulsante do mundo que nos cerca foi um dos motes desta coletiva, que buscou ampliar os novos paradigmas propostos por pensadores e criativos contemporâneos nessa aproximação com o mundo natural, dando maior atenção às continuidades existentes no binômio natureza-cultura do que às rupturas entre esses termos. Ser Húmus é este transformar-se em conjunto com a natureza, deixando-se fertilizar por ela e lançar sementes para se pensar e buscar a perpetuação da vida.

54 ARTISTAS PARTICIPANTES

Eis os artistas que integraram a mostra:

Alice Lara

Ana Michaelis

Ariel Spadari

Beatriz Rauscher

Bruno Oliveira

Bru Novaes

Bu’u Kennedy

Dália Rosenthal

Daniel Caballero

Darlene Farris-LaBar

Deco Adjiman

Elaine Tedesco

Erick Nakanome

Esther Bonder

Fernanda Sofia Martines

Fernando Augusto

Fernando Vilela

Gisele Riker

Giselle Beiguelman

Gustavo Caboco

Hanna Mattes

Henrique Detomi

Hugo Fortes

Karola Braga

Lia Chaia

Lilian Maus

Livia Paola Gorresio

Lurdi Blauth

Maíra Vaz Valente

Marcelo Moscheta

Marcia Rosa

Marcos Martins

Mariana Fogaça

Mariana Wartchow

Nivalda Assunção

Pablo Paniagua

Raquel Fonseca

Rodrigo Ferrarezi

Sandra Rey

Seba Calfuqueo

Selva de Carvalho

Siham Issami

Síssi Fonseca

Stela Barbieri

Suzete Venturelli

Tajla Medeiros

Tamikuã Txihi

Teresa Almeida

Teresa Siewerdt

Tiago Gomes

Ute Hörner & Mathias Antlfinger

Vanessa Karré

Viga Gordilho

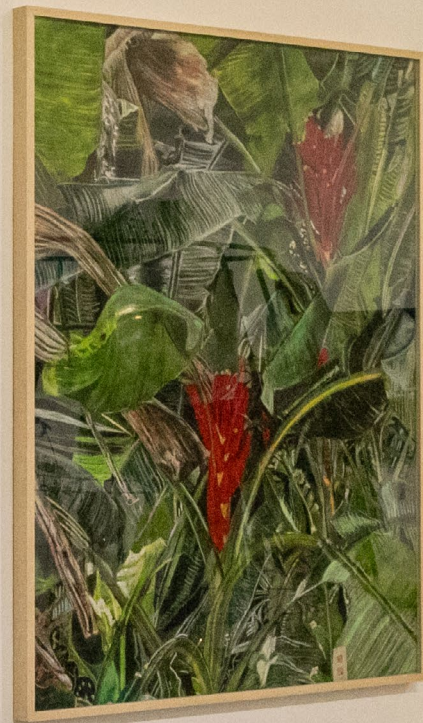
Yiftah Peled & Elaine Azevedo

Curadores: Ana Carolina Ralston, Hugo Fortes e Sandra Rey









Húmus

IV Seminário Internacional Arte e Natureza

"Somos húmus, não: 'húmo'",
Quero Montezuma
(Staging with the Trouble Making in the Christian K.)

Relembrar: que somos compostos, interdependentes de outras formas de vida e estamos em constante regeneração e sinergia com a terra representada um modo distinto de ser e viver no mundo. Tornar-se húmus, como propõe o biólogo e filósofo Donna Haraway, é formar consciência que nossa constituição é feita por relações – com bactérias, fungos, animais e plantas. É que vivermos e inevitavelmente, morreremos juntos, emaranhados. É essa material orgânica, produzida pela transformação físico-química natural de origem animal, ou vegetal, que permite que os solos se tornem férteis, que dá nome à exposição coletiva que ocupa agora o Espaço das Artes ECA – USP.

A mostra reúne obras de 54 artistas nacionais e internacionais que trabalham em diferentes suportes, como pintura, escultura, instalação, vídeo e performance, com o propósito comum de discutir em suas produções as diversas esferas do universo ambiental. Inspirados no fluxo desse processo fértilizador, tais artistas emergem a arte como possibilidade de transformar emoções ao mundo natural em processos criativos inovadores e de brotamento de ideias. Como enfatiza a antropóloga, socióloga e filósofa da ciência Bruno Latour, as palavras humana e humilde compartilham o mesmo raiz etimológica de húmus, a que nos sugere uma ligação intrínseca entre a humanidade e o solo fértil. Dessa forma, sua proposta é que tomemos consciência que a Terra é esse sistema complexo e interdependente, onde humanos e não humanos coexistem e coevoluem.

Reconhecer-se como parte pulsante do mundo que nos cerca é um dos males desta coletânea, que visa ampliar os novos paradigmas propostos por pensadores e criadores contemporâneos nessa aproximação com o mundo natural, dando maior atenção às continuidades existentes no binômio natureza-cultura do que às rupturas entre esses termos. Essas posições, ainda que diferentes entre si, salientam a necessidade de se buscar pontos mais delicados e holísticos na relação com a natureza, levando em conta afetos, simbologias e corrélações. A arte pode e deve propor esse diálogo com o mundo atual, se entendido enquanto conhecimento sensível que não necessariamente se subordina à existência de outros seres não-humanos, mas que se reconhece como parte do mundo natural em constante transformação. Ser húmus é, este transformar-se em conjunto com a natureza, compartilhando sensível com o mesmo. Ser húmus é, este transformar-se em conjunto com a natureza, deixando-se fertilizar por ela e lançar sementes para se pensar e buscar a perpetuação da vida.

Ana Carolina Rolston, Hugo Fortes e Sandra Rey
curadoras











